

REVISTA



inovar

Março/Abril 2013
3ª edição

Relação escola e comunidade

Parteiros do conhecimento e geradores de vida



ARTIGO

Crianças que não param - o que precisamos saber sobre elas

Psicopedagoga Beatriz A. Gurgel



ARTIGO

A importância dos contos de fada no desenvolvimento infantil

Profª. Maristela M. Betini

EXPERIÊNCIA

Formação Humana: Disciplina contribui com construção da identidade

Profª. Lucilene Druzian

ARTIGO Deficiência e Aprendizagem: novos olhares...

ARTIGO Vamos falar sobre Arte e Educação?

ÍNDICE



artigo

Crianças que não param -
o que precisamos saber sobre elas

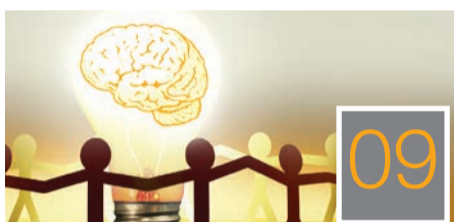
Beatriz Amaral Gurgel
Pedagoga, especialista em Psicopedagogia e Mestre em Educação



artigo

A importância dos contos de fada
no desenvolvimento infantil

Maristela Merchan Betini
Professora de Ed. Infantil



opinião

Relação escola e comunidade: parceiros do
conhecimento e geradores de vida

Ir. Elton Lopes
Graduado em Psicologia e em Ciências da Religião

12



experiência

Formação Humana: Disciplina
proporciona espaço de discussão
para adolescentes e favorece
construção da identidade

Lucilene Druzian
Pedagoga, com habilitação em Orientação Educacional

19



artigo

Vamos falar sobre Arte e Educação?

Ana Paula Cordeiro - Mestre e Doutora em Educação
Francisane Maia - Graduanda em Pedagogia

15



artigo

Deficiência e Aprendizagem: novos
olhares

Regina Cristiane N. Campos Peres
Doutora em Educação e Mestre em Educação Especial

22



coluna

A arte no contexto da escola

Gonzálo Perez
Ator, mestre em direção cênicas e professor de artes

17



artigo

Agora é aula de Língua Portuguesa!

Profª Larissa Maria Felipe Sobrinho
Formada em Letras e Mestranda em Educação

27



redações em destaque

Textos produzidos por alunos do
Colégio Cristo Rei

editorial



PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei

Há espaço na sua bagagem para novos conhecimentos?

Estamos nos primeiros passos de uma nova caminhada, um novo ano que nos dá a oportunidade de recomeçar, reviver o frescor de todo início. O que é ainda melhor é que não começamos do zero, trazemos conosco uma grande bagagem, proporcionada por outras jornadas já percorridas. Mas, nesta bagagem há muito espaço para novas experiências, novos aprendizados...

Então, para trazer novos elementos à nossa bagagem e contribuir com a extensão do nosso repertório, lançamos mais uma edição da Revista Eletrônica Inovar Cristo Rei, a primeira de 2013.

Esta publicação tem como objetivo promover o diálogo entre a comunidade educativa, além de apresentar estudos, opiniões e práticas que reforcem o compromisso de oferecer formação integral às crianças, adolescentes e jovens para que estejam preparados para alcançarem seus sonhos, sejam eles quais forem.

Nas próximas páginas, os colaboradores desta revista irão expor e discutir questões importantes como deficiências e problemas de aprendizagem, elementos artísticos e literários na Educação, relação entre escola e comunidade, além de sugestões e redações dos alunos.

Esperamos que os conceitos com os quais você, leitor, vai se deparar nesta revista possam ser apenas sementes, sendo que a germinação e a colheita dos frutos depende de cada leitura e de cada interpretação.

Boas reflexões!

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design gráfico e editoração: Márcio R. Martins
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Prof. Ernaldo Francisco dos Santos
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de Carvalho e Ir. Élton Lopes

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina Sacoman Campos, Regina Cristiane N. Campos Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B. Martins e Gilson José Amancio.
Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Sandra Maria Nogueira de Souza
Juventude Cristo Rei: José Augusto Brasil
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399

www.cristorei.com.br / colegio@crstorei.com.br

“Esta publicação tem como objetivo promover o diálogo entre a comunidade educativa”

artigo



Crianças que não param - o que precisamos saber sobre elas

A VIDA CORRIDA DE TODOS NÓS

Que horas você acordou hoje? O que você estava fazendo antes de ler este artigo e por que o escolheu? Caro leitor, depois de perguntas como essas e suas prováveis respostas, garanto que você não foge à regra da vida louca que todos vivem no início do século XXI, em um país em desenvolvimento.

Assim, um ponto importante a se colocar é: correr tanto para quê? Desenvolvimento de quê? A cada dia temos mais obrigações a cumprir. Acordar, ir para o trabalho, fazer uma refeição rápida para poder trabalhar, voltar para casa, passar os olhos nos filhos... e ainda temos que trabalhar mais um pouco em casa, mesmo que seja para nós mesmos: algo para arrumar, lavar, uma consulta na internet, espiar as redes sociais, responder aquele e-mail, preparar algo para o dia seguinte, fazer uma ligação, e assim vai à noite. Tudo em prol de uma vida mais confortável. Trabalha-se feito um louco para ter uma vida com mais recursos.

Este é o ambiente em que vivemos, e é preciso consciência para não tomar gato por lebre. É fato que não temos escolhas, mas é igualmente imperativo ter consciência daquilo que vivemos para que a vida louca não nos trague, não nos transforme em marionetes, e que ao final da vida olhemos para trás e constatemos que pouco da vida tenha ficado. "Tempo é dinheiro" é a expressão que traduz o que vivemos. Mas Claudio Domênico, cardiologista em entrevista à Maria Gabriela, retifica: "Tempo é vida!"

Infelizmente, pensamos que só nós adultos sofremos o im-



pacto da sociedade neoliberal em que vivemos. Ledo engano. Todos, desde o bebê até o mais ancião, estão sobre forte influência dos princípios da sociedade do sucesso e da velocidade. O melhor é ser bom e rápido. Os *modus vivendi* vai se fazendo como padrão do "tudo", do "rápido" e do "tudo de bom". Assim, somos estimulados a fazer tudo bem feito, com mais velocidade, em todas as fases da vida. E é exatamente nesse mesmo momento em que nos pegamos falando que as crianças de hoje não têm parada ou são hiperativas.

Mas se investigarmos mais a fundo, veremos que para a ciência, neste caso, o que existe é superatividade, diferente da hiperatividade. A hiperatividade se refere a um quadro neurológico que designa um transtorno no funcionamento por uma desordem que acontece no cérebro. A hiperatividade vem sempre acompanhada de outras características que compõem o Transtorno de Déficit de Atenção/hiperatividade, mais conhecido por sua sigla: TDAH.



artigo

“Seu filho começa algo, interrompe e não sabe voltar para o que estava fazendo? Ele está sempre mudando de atividade, pois não termina o que começou?”

QUANDO PODEMOS SUSPEITAR QUE NOSSO FILHO É UM PROVÁVEL PORTADOR DE TDAH?

Quando um pai suspeita que existe algo diferente com o filho, é sempre bom investigar. Seu filho começa algo, interrompe e não sabe voltar para o que estava fazendo? Ele está sempre mudando de atividade, pois não termina o que começou? Não consegue cumprir uma instrução com duas ou mais ordens? Faz a primeira e não completa as demais? Não para um minuto, parece que tem bicho carpinteiro? Não assiste a um filme até o fim, pois já levantou? Não para com as perninhas? Faz primeiro, depois pensa? Fala sem pensar? É precipitado? É bom investigar.

Mas antes que você tire conclusões precipitadas, é importante ressaltar que:

- Devido à variabilidade de sintomas do TDAH, não encontraremos todas as características em uma única criança. Devemos lembrar que cada um de nós é uma pessoa singular: não há ninguém igual a você no mundo.
- Os mesmos sintomas aqui descritos podem ter causa distinta do TDAH.
- Essa agitação toda pode não ter uma causa patológica, e pode se tratar de um subproduto do *modus vivendi* imposto pela sociedade hiperincinética.

O QUE FAZER?

O primeiro passo é trocar ideias com profissionais que também convivem com o seu filho, e a escola é uma boa opção. Se ainda restarem dúvidas, sugiro que você procure um psico-

pedagogo. Ele é o começo, pois, necessariamente, outros profissionais entrarão em jogo. Podem ser consultados o neurologista, psicólogo, oftalmologista, otorrinolaringologista e outros que se fizerem necessários. Cada um contribuirá com a riqueza investigativa necessária para que a equipe feche o diagnóstico, uma vez que a participação de um ou outro depende de cada caso. Pais e professores colaborarão com informações importantes, assim, a sinceridade das respostas nos questionários é bem vinda.

Destacamos que o objetivo do diagnóstico não é rotular a criança ou o adolescente, mas sobretudo buscar alternativas de manejo para os transtornos que o TDAH traz, tanto para a própria criança/adolescente, como para seus familiares e escola.

Dada a complexidade do diagnóstico, os profissionais que integrarão a equipe multidisciplinar são os mais indicados para a identificação ou não dos casos de TDAH.

POR QUE É IMPORTANTE PESQUISAR SE MEU FILHO É PORTADOR DO TDAH?

Os portadores de TDAH normalmente são descritos pelos seus professores como crianças e adolescentes espertos, porém inquietos. Por vezes, o professor pode notar uma discrepância entre o potencial da criança e o seu desempenho acadêmico, mesmo nos casos de crianças com a hipótese de superdotação/altas habilidades. Assim, o TDAH não se vincula às questões da inteligência! Em outros casos, chegamos a duvidar se aquela criança tem capacidade ou não para aprender. “Parece que ele não aprende!” Ou, então, o professor narra: “Falta-lhe motivação.”

Normalmente, trata-se de alunos que não terminam as tarefas de sala ou demoram muito para concluí-las, principalmente pelo fato de darem mil voltas em vez de focar no que é pedido. Alguns são mais quietos. Dizemos que eles estão no mundo da lua, parecem que não estão escutando. Borracha vira brinquedo, régua também. Outros falam sem parar, uma ideia puxa a outra. Em sala, levantam do lugar a todo instante, pedem inúmeras vezes para ir ao banheiro e para beber água, só para dar uma voltinha. Tanto um como outro não consegue terminar a tarefa. Geralmente, a caligrafia é feia. No recreio, o tipo mais agitado está sempre procurando algo enquanto o mais silencioso, embora possa até ficar no meio dos colegui-



artigo

nhas, quase nunca participa das brincadeiras.

Imagina como o processo de aprendizagem fica truncado com tantas interrupções! Assim, dizemos que o impacto que o TDAH causa na vida escolar é tão forte que chega a prejudicar o aprendizado. Mas não é só o aprendizado que fica comprometido: o campo emocional também se ressentir dos impactos que o comportamento desorganizado do TDAH traz consigo. Observamos isso mais claramente nos casos quando se buscou ajuda mais tardiamente. Neste grupo, podemos encontrar crianças ou adolescentes com autoconceito distorcido e baixa autoestima devido aos sucessivos fracassos no desempenho acadêmico, formando um círculo vicioso que gera uma tendência ao fracasso escolar.



Dessa maneira, se nenhuma intervenção for realizada, as próprias dificuldades de comportamento que compõem o TDAH levam a repetidas frustrações escolares, o que por sua vez podem, num continuum, com o passar dos anos, agravar os problemas enfrentados pela criança, seus familiares e professores.

Somente a ajuda especializada de uma equipe pode esclarecer o que se passa com a criança e traçar junto com família e escola o melhor caminho na busca da resolução dos problemas gerados pelo TDAH no ambiente escolar. Lembramos que cada caso é um caso.

ALGUNS CUIDADOS

É preciso ter cuidado para não patologizar a criança ou o adolescente. Por mais que os sintomas afetem a todos, ela não deve ser reduzida ao suposto diagnóstico de TDAH. Devemos sempre nos perguntar como temos administrado o cotidiano de uma sociedade hipercinética e estar alerta e sensível às questões relativas às diferenças individuais. Precisamos olhar para aquele ser em sua expressão singular, levando-o a participar da superação de seus problemas.

A maior preocupação nos dias atuais é o excesso de diagnóstico já alertado por diferentes órgãos. Por isso, cautela. Procurem profissionais idôneos e comprometidos com a questão. A equipe multidisciplinar é aquela que melhor favorece um diagnóstico mais acertado. Não há necessidade de todos os profissionais estarem em um único espaço, mas, sobretudo, manterem um intercâmbio entre eles de modo a garantir que nada fique de fora, ou seja, tão suficiente por si só.

Terminamos lembrando que por detrás daquele menino irrequieto que nos dá tanto trabalho tem um cara legal que precisa de ajuda. Ele sozinho não consegue dar conta de superar as dificuldades que o quadro por si só impõe. Ele e vocês, pais, precisam de ajuda, por vezes medicamentosa, acompanhada de orientações e treinos específicos para minimizar o impacto dos sintomas no dia a dia.

Referências bibliográficas

- BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**: atualização diagnóstica e terapêutica, um guia de orientação para profissionais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MATTOS, Paulo. **No mundo da lua**: perguntas e respostas sobre transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. 4 ed. São Paulo: Editora Lemos, 2005. (Obs: recomendado para pais)
- ROHDE, Luís Augusto P.; BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Transtorno de Déficit de atenção**: o que é? Como ajudar? Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. (Obs: recomendado para pais)

BEATRIZ GURGEL

Pedagoga pela PUC-SP

Especialista em Psicopedagogia pelo Sedes

Sapientiae de SP

Mestre em Educação pela UNESP-Marília

Há mais de 10 anos, atua como psicopedagoga

clínica e docente de graduação em Pedagogia

e Pós Graduação em Psicopedagogia em

Marília e região.



artigo



Era uma vez...

A importância dos contos de fada no desenvolvimento infantil



Os contos de fada são uma variação do conto popular ou fábula. Partilham com estes o fato de serem uma narrativa curta cuja história se reproduz a partir de um motivo principal. Transmite conhecimento e valores culturais de geração para geração, transmitida oralmente, e nos quais o herói ou heroína têm de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal.

Nos contos, que muitas vezes começam pelo "Era uma vez", para salientar que os temas não se referem apenas ao presente tempo e espaço, o leitor encontra personagens e situações que fazem parte do cotidiano e do seu universo individual, com conflitos, medos e sonhos. A rivalidade de gerações, a convivência de crianças e adultos, as etapas da vida (nascimento, amadurecimento, velhice e morte), bem como sentimentos que fazem parte de cada um (amor, ódio, inveja e amizade) são apresentados para oferecer uma explicação do mundo que nos rodeia e nos permite criar formas de lidar com isso.

As palavras chaves dos contos são: imaginação, educação, criança, encantamento, magia e emoções. Falar sobre litera-

tura é, sem dúvidas, falar sobre a imaginação. Sosa (1982) assinala a importância da literatura infantil como etapa criadora dentro do problema geral da imaginação, uma vez que não se sabe bem que idade, nem em que forma e circunstâncias ela aparece na criança. O mesmo autor afirma que a imaginação é a "faculdade soberana" e a forma mais elevada do desenvolvimento intelectual. Se em outros componentes curriculares atenta-se a conteúdos significativos para crianças, na literatura infantil encontra-se o espaço privilegiado para estimular o sujeito como elemento gerador das hipóteses mágicas. A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meios dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações.

As histórias infantis são contos bem antigos e ainda hoje



podem ser consideradas verdadeiras obras de arte, lembrando sempre que seus enredos falam de sentimentos comuns a todos nós como: ódio, inveja, ciúme, ambição, rejeição e frustração, que só podem ser compreendidos e vivenciados pela criança através das emoções e da fantasia. Os contos de fadas funcionam como instrumento para a descoberta desses sentimentos dentro da criança (ou até mesmo de adultos), pois os mesmos são capazes de nos envolver em seu enredo, de nos instigar a mente e comovermos com a sorte de seus perso-



artigo

nagens. Causam impacto em nosso psiquismo, porque tratam das experiências cotidianas, permitindo que nos identifiquemos com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam, em suma, a condição humana frente às provações da vida.

Histórias como: Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Cinderela, o Lobo Mau e todos os seus companheiros continuam sendo os antídotos mais eficientes contra as angústias e temores infantis. Quando essas histórias são apresentadas às crianças, os personagens podem ajudá-las a se tornarem mais sensíveis, esperançosas, otimistas e confiantes na vida. A fantasia é fundamental para o desenvolvimento emocional da criança. Nessas histórias, a criança se identifica mais facilmente com os problemas dos personagens. Ao mergulhar com prazer no faz-de-conta, as crianças dão vazão às próprias emoções.

Os contos começam de maneira simples e partem de um problema ligado à realidade como a carência afetiva de Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito entre madrasta em Branca de Neve; na busca de soluções para esses conflitos, surgem as figuras "mágicas": fadas, anões, bruxas malvadas. A narrativa termina com a volta à realidade, em que os heróis se casam ou retornam ao lar.

O conto de fada é orientado para o futuro. Guia a criança em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente. Dessa forma, possibilita à criança abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como veem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas; não esqueçamos que a criança dá vida a tudo.

Através dos contos de fadas, podemos levar as crianças a compreender que, na vida real, devemos estar preparados(as) para enfrentar as coisas difíceis com coragem e otimismo para conquistar a felicidade. O prazer e as emoções que as histórias proporcionam às crianças, o simbolismo, que está implícito nas tramas e personagens, age no inconsciente atuando pouco a pouco, para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

A psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional.

Entre os grandes autores, além dos irmãos Grimm, encon-

tram-se o francês Charles Perrault, que deu a vida à Chapeuzinho Vermelho, Bela Adormecida, Pequeno Polegar e Gato de Bota; Andersen que nos presenteou com a história do Patinho Feio; Gabrielle-Suzanne Bardot, a Dama de Villeneuve com a Bela e a Fera e Charles Dickens, com o Conto de Natal e a história de Oliver Twist. No Brasil, a maior conquista foi Monteiro Lobato, cuja obra ainda serve de base ao início literário de muitas crianças.

**“o simbolismo,
que está implícito
nas tramas e
personagens, age
no inconsciente
atuando pouco a
pouco, para ajudar a
resolver os conflitos
interiores normais
nessa fase da vida”**



MARISTELA MERCHAN BETINI
Professora de Educação Infantil

opinião



Relação escola e comunidade

Parteiros do conhecimento e geradores de vida



Neste texto, procedo um ensaio de reflexão em torno da relação entre a escola e a sociedade atual. A escola que sabe o que quer e para onde vai observa cuidadosamente a realidade social e descobre os melhores caminhos para desempenhar a missão que lhe cabe na sociedade. Aberta à comunidade externa, dialoga com ela. Aberta à comunidade interna, envolve todos na definição e na realização do seu projeto, na construção do clima da escola e na avaliação da sua qualidade educativa.

Vivemos a era do conhecimento e da informação. Desenvolvem-se a uma velocidade verdadeiramente vertiginosa as possibilidades de acesso à informação por via informática e reconhece-se o poder de quem é detentor da informação. Fala-se em literacia informática e procura-se ampliar a compreensão desse contexto e como desenvolvê-lo no ambiente escolar. Entretanto, tais realidades expõem seus paradoxos e trazem consigo um conjunto de profundas mudanças ideológicas, culturais, sociais e profissionais.

Na construção desse novo paradigma civilizacional, a educação é apresentada como o cerne do desenvolvimento da pessoa humana e da sua vivência na sociedade. A expectativa em relação a essa sociedade pauta-se no desenvolvimento econômico e em uma melhor qualidade de vida. Frente às mudanças provocadas por essa nova concepção de mundo e de vida, emergem incertezas e riscos, que por sua vez, criam novas racionalidades. Espera-se dos educadores e da escola, a interpretação na atualidade dos sinais emergentes do porvir para o qual estamos preparando as nossas crianças e os nossos jovens.

Neste sentido, lançando mão do pensamento de Alarcão (2001), conceberemos a escola como um espaço, um tempo e um contexto de aprendizagem e desenvolvimento. Mesmo que no futuro, por força das novas tecnologias, a aprendizagem desprenda-se da necessidade de espaços coletivos e tempos simultâneos, ela, não deixará nunca de ser re-

“a educação é apresentada como o cerne do desenvolvimento da pessoa humana e da sua vivência na sociedade”



opinião

“A escola, enfim, não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida”

alizada em contexto, ainda que em comunidades aprendentes e interconectadas. A escola será assim pensada, nessas novas configurações.

Ao pensar a escola como um espaço, Alarcão (2001) sugere que trata-se de um edifício circundado, por alguns ambientes abertos. Para além das salas de aulas, espera-se que na escola existam espaços de convívio, de esporte, de cultura, de trabalho em equipe, de inovação e experimentação. Além disso, espaços que permitam ligações informáticas para manter a escola em interação com outras escolas, com outras instituições, com outros países e com o conhecimento, hoje disponibilizado de novas formas. Considerando ainda essa dimensão, é necessário pensar onde se localiza a escola: longe ou perto das comunidades? E questionar que tipo de relação estabelece com essas comunidades: aberta ou fechada? Por fim, indaga-se se o mobiliário e os equipamentos são bem concebidos e adaptados às crianças e aos jovens.

Alarcão (2001) lembra que a escola é também um contexto e deve ser, em primeiro lugar, um contexto de trabalho tanto para o aluno quanto para toda a comunidade escolar. Não se aprende sem esforço e as crianças e os jovens necessitam aprender a se esforçar, a trabalhar, a investir no estudo, na construção do conhecimento. No entanto, esforçar-se não deve ser equiparado ao desprazer, mas tão pouco deve ser traduzido em metodologias fechadas, prontas, castradoras do desenvolvimento, das potencialidades contidas em cada educando.

Todavia, Alarcão (2001) afirma que a escola, para além do lugar e contexto, é também um tempo. Tempo de curiosidade a ser desenvolvida e não estiolada. É da capacidade de pensar e realizar perguntas que emergem os problemas de pesquisas que vão nortear todo o trabalho a ser construído. A escola é tempo de desenvolver e aplicar capacidades como a memorização, a observação, a comparação, a associação, o raciocínio, a expressão, a comunicação e o risco. É tempo de criatividade

e iniciativa, mas também de turbulência. A escola, enfim, não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência e cidadania.

Dessa maneira, uma escola aberta à comunidade possibilita o desenvolvimento de mecanismos para pensar a si própria, sua missão social, sua organização. Desenvolve-se assim a capacidade de pensar de toda a comunidade escolar e não apenas da direção. Formar é pensado como a organização de contextos de aprendizagem, exigentes e estimulantes, isto é, ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e o desabrochar das capacidades de cada um com vistas ao desenvolvimento de competências que lhes permitam viver em sociedade, nela conviver e intervir em interação com os outros cidadãos.

Em uma comunidade escolar, capaz de pensar a si própria, o foco da educação e do desenvolvimento não se restringe somente ao educando. Criam-se oportunidades de formação, treinamento e desenvolvimento para os discentes, docentes e todos os membros da escola, pois acredita-se que na interação com cada pessoa a escola tem a possibilidade de crescer como um todo.

A aprendizagem é entendida como um processo continuado de construção do saber e o currículo, inerte nas folhas de papel se torna vivo na ação do professor com seus alunos. Garante-se ao professor desenvolver seu trabalho com autonomia, críticos em seus pensamentos e esperam-se dirigentes com capacidades mobilizadora de vontades e ideias partilhadas e a efetiva gestão de serviços e recursos.

A escola, desta maneira, no diálogo com a sociedade atual, necessita evoluir de um estado de mera vítima para o de exploradora, desenvolvendo um sentido de julgamento crítico. A sociedade, por sua vez, necessita mudar seu olhar para a instituição escolar, e superar o reducionismo da culpabilização pelas dificuldades vivenciadas. Diante a imprevisibilidade, as constantes mudanças e a exigência dos contextos de atuação, a formação ao longo da vida surge como um imperativo inquestionável, o que exige práticas renovadas que tragam para o centro cada aluno e o seu papel na construção de si próprio e do seu saber.

Algumas questões se tornam centrais no processo da construção do conhecimento e do saber compartilhado: a centralidade da pessoa humana na sua integralidade, a racionalidade dialógica inerente à construção do conhecimento, a re-



opinião

flexibilidade, a autonomia e a responsabilidade. Penso ainda, e sobretudo, na interatividade e na integração da escola com a sociedade, pois tal relação é transformadora e envolve a capacidade de pensar de forma crítica e o crescimento coletivo.

Acredita-se que tanto a sociedade em geral, quanto a escola, rompem com velhas tradições e investem em novos recursos, na expectativa de termos encontrado caminhos melhores. No entanto, é necessário questionar-nos sobre o discurso produzido à prática vivida. Será que a mudança paradigmática atingiu tanto a atividade educativa quanto o discurso sobre a educação deixa entrever? O que sabemos é que a educação está a serviço da vida e busca ampliar as possibilidades do bem viver. Pensamos que é preciso que a escola esteja atenta à realidade como um todo, assim como a sociedade tenha uma visão mais real da escola. Sem idealizações, poderemos criar uma realidade diferente que abarca o bem comum.

Faço uso da maiêutica socrática para expressar o que penso sobre a escola e a construção do conhecimento que está a serviço da vida em sua inteireza. Nela, a escola tem um papel fundamental, a de ser parteira das idéias. Sócrates definiu o seu método de maiêutica, que significa a arte de fazer o parto, uma alusão ao ofício de sua mãe, que era parteira. Ele também se considerava como um parteiro, porém de ideias; afirmava ser ele próprio estéril – uma vez que só sabia que nada sabia – sendo a sua missão ajudar a dar à luz as idéias alheias. Com isso, pretendia que as pessoas fossem ao encontro de si mesmas, fazendo de si próprias o ponto de partida. Belo método! Grande desafio às escolas! A gestação do saber pode ser coletiva, acompanhada e orientada para oportunizar o parto de cada aluno: um parto de algo ou de uma ideia que faça sentido, transforme a vida e favoreça para que essa seja vivida em sua plenitude. Essa é a missão de cada escola! Essa é a nossa missão!

Temos plena consciência que esse assunto é amplo e dinâmico, pois tanto a escola, quanto a sociedade é composta de vidas, o que o torna aberto às possibilidades, às mudanças e ao porvir. Não pretendemos de forma alguma esgotar tal discussão. Ao contrário, nos colocamos à disposição para trocas e ampliação do assunto. Tal realidade muito nos interessa para pensar nossa escola e queremos fazê-lo coletivamente!

Referências bibliográficas

- ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
PESSANHA, José Américo Motta (org.) Série **“Os Pensadores”**: **Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.



ELTON LOPES DA SILVA

É Irmão do Sagrado Coração, graduado em Ciências da Religião pelas Faculdades Claretianas de São Paulo (2003-2005) e em Psicologia pela Universidade Sagrado Coração de Bauru (2006-2011). Atualmente compõe a equipe diretiva do Colégio Cristo Rei de Marília e realiza o curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica do Núcleo de Psicanálise de Marília.

experiência



Formação Humana

Disciplina proporciona espaço de discussão para adolescentes e favorece construção da identidade



A disciplina de Formação Humana no Colégio Cristo Rei nasceu da necessidade de uma ação mais direta na prevenção ao uso e abuso de drogas e na educação para a sexualidade em uma faixa etária especial da vida de nossos alunos - adolescentes da 6ª série – hoje 7º ano do Ensino Fundamental.

Um grupo de professores e a direção pedagógica participou do projeto de capacitação no ano de 1992 chamado Decide. Incluir na grade curricular duas importantes temáticas para essa faixa etária: "Drogas e Sexualidade". O Prof. Luiz Célio de Oliveira foi o responsável em dar início ao trabalho. As aulas sempre foram muito bem aceitas pelos alunos.

Em 2000, devido a outras atribuições assumidas pelo Prof. Luiz Célio de Oliveira no colégio, as aulas foram transferidas para a Professora Lucilene Druzian, que está à frente do pro-

jeto até hoje. No ano de 2010 o projeto foi ampliado para as turmas de 6º Ano.

Um dos objetivos mais importantes do trabalho é que o adolescente encontre nas aulas de Formação Humana um espaço onde possa discutir e refletir temas relacionados às suas necessidades do dia a dia: conflitos, relacionamentos, amizades, família, etc.

Até bem pouco tempo a adolescência não era percebida como uma fase dentro do desenvolvimento humano. Da infância, a partir dos primeiros sinais de maturidade sexual (menstruação, mudanças físicas, etc) a criança já passava a fazer parte do mundo adulto. Hoje, no entanto, a realidade é outra.

É importante que a criança e o adolescente percebam que o seu desenvolvimento é um processo, que precisa ser entendido e respeitado pela família, pela escola e por toda a socie-



experiência

dade.

Os objetivos da disciplina de Formação Humana listados abaixo, em sintonia com os princípios que norteiam a Missão do Colégio, buscam proporcionar condições para que o educando:

- Entre em contato com a formação integral necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades;
- Perceba e compreenda a importância da fase pela qual está passando (adolescência);
- Descubra as aulas de Formação Humana como um espaço onde possa refletir sua vida (família, escola, amigos, afetividade, etc.) ampliando o conhecimento de si mesmo e de sua ação na sociedade;
- Aprenda a viver melhor dentro do grupo em que se encontra, a lidar com sentimentos que começam a tomar mais espaço em sua vida como o medo, o egoísmo, o ciúme, reconhecer as diferenças e respeitar o valor do outro;
- Sensibilizar-se para o respeito aos direitos humanos como necessidade vital para alcançar uma maior qualidade de vida para todo e ser humano;
- Entre em contato com a consciência de pobres e ricos, quanto ao fato de sermos todos seres humanos e termos de partilhar tanto o patrimônio intelectual quanto os bens materiais, se não igualmente, mas em dosagens mais justas, como forma de equilíbrio da humanidade;
- Conheça as leis e documentos que contemplam os direitos fundamentais, em especial o ECA;
- Oportunizando assim, uma educação voltada para a Solidariedade e o exercício da Cidadania

“o trabalho tem por objetivo, antes de mais nada, ajudá-los a perceber a importância de saber fazer escolhas”

Dessa forma, junto ao 6º ano, o trabalho busca refletir a construção da identidade: a família como espaço de construção de valores e, conseqüentemente, da identidade; a escola como local privilegiado para a apresentação, ampliação e fortalecimento da identidade; é na relação com o outro que nos conhecemos melhor, descobrindo valores e qualidades, também limitações e dificuldades. E, por fim, a comunidade/sociedade como espaço para práticas que auxiliarão na construção de um mundo mais justo, ético, solidário, onde a cultura da paz prevalecerá. O trabalho junto ao 6º ano se tornou um alicerce para o desenvolvimento do conteúdo junto ao 7º ano.

Junto ao 7º ano o trabalho tem por objetivo, antes de mais nada, ajudá-los a perceber a importância de saber fazer escolhas. Antes, porém de iniciarmos as discussões sobre Drogas e Sexualidade, é realizado todo um preparo auxiliando-os na descoberta de valores e habilidades, autoestima, saber aproveitar oportunidades, a família como espaço de formação para o adolescente: vivência de valores, diálogo, solidariedade, cuidado, limites, etc.

A vida é apresentada como um conjunto de possibilidades e a droga como uma ameaça para a realização dos sonhos.

O desafio para manter-se afastado da droga é aprender equilibrar:

Limites - a experiência mostra que crianças e adultos que crescem sem respeitar limites, sem conhecer o certo e o errado, não são felizes, nem criam um bom ambiente a sua volta.

Afeto - Todos nós podemos nos tornar melhores e ter mais vontade de fazer o que é bom quando somos amados, quando há quem valorize o que somos e o que realizamos. Mas amar não é satisfazer todos os desejos de uma pessoa, é querer o seu bem em todas as situações. E saber que o momento de dizer não é tão importante quanto saber o momento de dizer sim.

Independência - Cada pessoa deve aprender a tomar suas próprias decisões, escolher seu caminho, de acordo com o nível de maturidade de cada fase da vida. Sendo assim, é importante delegar responsabilidades, respeitando sua faixa etária, em cada fase da vida.

E dá pra combinar esses três aspectos!



experiência

Acreditamos que educar significa desenvolver, trazer para fora as capacidades de cada um; ajudar cada um a viver e conviver, numa vida cheia de construções positivas.

Um aspecto importante no desenvolvimento desse trabalho é que os alunos participam efetivamente do desenvolvimento dos temas, avaliando mensalmente o trabalho, as aulas e sugerindo dinâmicas.

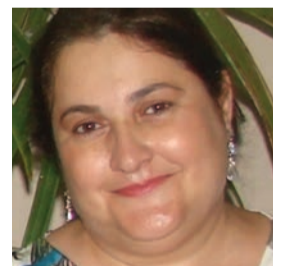
Antes da abordagem de temas mais polêmicos é feita uma sondagem do nível de interesse, conhecimento, dúvidas e curiosidades que cada turma tem para com o tema. Somente depois é que as aulas são preparadas, adequando assim, o tema para as necessidades da turma. Muitas vezes, numa mesma série, acontecem abordagens bem diferentes: mais ou menos profundas, mais ou menos polêmicas sobre o mesmo tema. Essa é uma forma de respeitar o momento de cada aluno, sem expor informações que ainda não são de seu interesse ou necessidade e, ao mesmo tempo, sem menosprezar seu conhecimento prévio do tema.

Os temas são desenvolvidos utilizando diferentes recursos de sensibilização para a discussão: fragmento de filmes, atividade com recorte e colagem, relaxamento dirigido, dramatização, discussões, júri simulado, músicas, etc.

No início de cada ano realizamos um pacto de confiança no grupo, para que os assuntos que serão discutidos nas aulas não sejam veiculados fora desse espaço, para outras pessoas, em redes sociais ou em outras situações. Assim, é possível construir um espaço de confiança e responsabilidade pelos assuntos pessoais que são partilhados no espaço das aulas.

É um trabalho apaixonante: ter a oportunidade de participar do crescimento dos nossos alunos, contribuindo para um desenvolvimento sadio, não só dentro do aspecto intelectual, mas para a vida. Cada vez mais nossos adolescentes serão exigidos a tomar decisões cada vez mais cedo, e certamente nós, educadores, e os pais não estarão junto com eles para orientá-los. Daí a necessidade de oferecer instrumentos para que eles possam aprender a fazer escolhas assertivas para a vida. Nossa missão maior é a de contribuir com a formação integral de nossos alunos e não apenas informá-los. Certamente, a parceria - família e escola - contribuirá para nossos adolescentes amadurecerem com sabedoria, dignidade, ética, solidariedade...

“Acreditamos que educar significa desenvolver, trazer para fora as capacidades de cada um; ajudar cada um a viver e conviver, numa vida cheia de construções positivas”



LUCILENE DRUZIAN

Pedagoga, graduada pela Unesp, com habilitação em Orientação Educacional. Licenciada em Filosofia pela Faculdade João Paulo II. No Cristo Rei é professora no Ensino Religioso (1º ao 5º Ano), Formação Humana (6º e 7º Anos) e Menteinovadora (9º Ano). Atualmente é orientadora de aprendizagem de jovens e adultos no SESI de Garça. Atuou com o projeto Filosofia para Crianças, ligado ao Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), é sócio-fundadora do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania de Marília (Nudhuc), atuando na coordenação do mesmo por dois mandatos e na comissão de Educação e Direitos Humanos.

artigo



Deficiência e Aprendizagem: novos olhares...

Fundamentaremos a compreensão do processo de aprendizagem com a teoria socio-histórica, pois compreendemos que os processos psicológicos têm origem sociocultural, ou seja, que é por meio do desenvolvimento social e histórico da humanidade que nos constituímos como seres humanos.

Vygotsky, um dos maiores representantes da teoria socio-histórica, estudou exaustivamente o papel social no processo de desenvolvimento e aprendizagem humanos. A partir da teoria marxista que defendia que as mudanças históricas e materiais ocorridas na sociedade provocam mudanças na consciência e no comportamento humano, Vygotsky iniciou suas pesquisas em relação à formação social da mente.

Quando Vygotsky estuda o fenômeno "deficiência", ele observa que dois elementos são extremamente importantes para facilitar o desenvolvimento da criança: primeiro, a observação da rotina da criança em seu quadro de vida e nas suas relações sociais; segundo, as propriedades intelectuais e afetivas da personalidade da criança.

Ele mostra que a diferença entre a criança considerada não-deficiente e a com deficiência intelectual não se encontra nas particularidades do intelecto ou da afetividade, mas na



variabilidade das relações entre as funções psíquicas, na reorganização dos sistemas de conhecimento e na aparição de novas relações entre as funções, já que a organização cerebral é dinâmica e modifica constantemente o desenvolvimento das funções psicológicas. Nesse sentido, toda deficiência atrasa qualitativamente o desenvolvimento, no entanto, cada indivíduo buscará outras formas de organização cognitiva.

Vygotsky defende que a deficiência é apenas um aspecto do desenvolvimento de uma criança e não determinante dele. Assim, devemos visualizar essa criança no todo para compreendê-la, considerando as interações entre os aspectos sociais e biológicos.

O desenvolvimento de uma criança com uma deficiência não é inferior, nesta perspectiva, ao desenvolvimento de outras crianças, e sim, diferente, singular. Exemplificando, uma criança que possui uma deficiência física e por isso, nunca andou, não teve as mesmas chances de desenvolvimento de esquema corporal, percepção espacial, percepção temporal, dominância corporal, entre outros e deste modo, terá que elaborar qualitativa e diferentemente suas funções psicológicas, ela-



artigo

borando um desenvolvimento psíquico particular. Ela aprende caminhos novos para compensar essa deficiência, pois lhe falta a experiência motora para a elaboração de seu pensamento.

Deste modo, a deficiência é um potencial, um estimulador, um catalisador dos processos compensadores, formando novas vias para o seu desenvolvimento!

Os organismos das crianças com algum tipo de deficiência entram em conflito com o meio exterior para poderem se adaptar e por isso "lutam" e buscam novos caminhos, contribuindo positivamente para o seu desenvolvimento.

Vygotsky vê a experiência social como alicerce deste processo. A deficiência, para este autor, é um potencial do crescimento de mecanismos compensatórios do desenvolvimento, funcionando como instigador de novos caminhos.

“a deficiência é um potencial, um estimulador, um catalisador dos processos compensadores, formando novas vias para o seu desenvolvimento!”

Muitas vezes, a criança não consegue sozinha atender as solicitações do meio. Nesse ponto, o papel do pedagogo é crucial na avaliação do que essa criança já realiza para atender a tais demandas e como fazê-la avançar nesse caminho com metas reais, enxergando como ela reage diante das dificuldades impostas pela deficiência e quais os caminhos que percorre para compensar essas dificuldades. Assim, o professor poderá perceber o efeito positivo da "dificuldade em aprender": o estímulo para vias compensatórias de desenvolvimento!

Se pensarmos que o objetivo final da educação é a inclusão social, a escola como lugar privilegiado de aprendizagem e de prática de habilidades sociais torna-se o eixo central nesse processo. As exigências sociais ocorridas dentro da escola poderão estimular o desenvolvimento da criança, pois quanto mais estimulada socialmente, mais vias compensatórias ela terá que criar para satisfazer suas necessidades. Todo ser humano é

bombardeado diariamente com estímulos para reagir ao meio social. Basta investigar os meios necessários para estimular o desenvolvimento e observar a reação singular de cada ser humano.

Já que a deficiência provoca um "desvio" e cria uma "nova forma" de desenvolvimento e nossa sociedade está preparada somente para o desenvolvimento típico, ou seja, o que ocorre com maior frequência, uma pessoa para a qual o desenvolvimento transcorra de maneira diferente (atípico) não pode se integrar de maneira natural à sociedade. A falha se inicia em relação à conceituação. Definir uma criança pela deficiência, ou seja, uma criança com deficiência intelectual, não auxilia em vê-la com sua individualidade positiva. O olhar se centra no defeito e nada se aprende sobre o potencial de desenvolvimento dela.

Além disso, que maravilhoso universo se mostra quando a sociedade "aprende que a deficiência não é apenas uma inferioridade, uma falta, uma fraqueza, mas um algo a mais, uma fonte de força e de aptidão, que nela existe uma conotação positiva"! (VYGOTSKY, 1994, p. 93, tradução nossa)

As formas coletivas de colaboração são os alicerces, o início para a elaboração do comportamento individual. Dessa forma, é a partir da interação entre os homens, do qual surgem conflitos, da experiência social e da colaboração das crianças com seu meio, que podemos acelerar o processo de aprendizagem em nossas crianças.

Somos todos responsáveis neste processo! É quando "o menos" (para alguns a deficiência) se faz "mais"!

Referência

VYGOTSKY, L. S. **Dèfectologie et dèficience mentale**. Paris: Delachouse et Diestlè, 1994.



REGINA CRISTIANE N. CAMPOS PERES
Doutora em Educação pela USP, mestre em Educação Especial pela UFSCar, pedagoga e fisioterapeuta, coordenadora do Ensino Fundamental I do Colégio Cristo Rei de Marília.

artigo



Agora é aula de Língua Portuguesa!

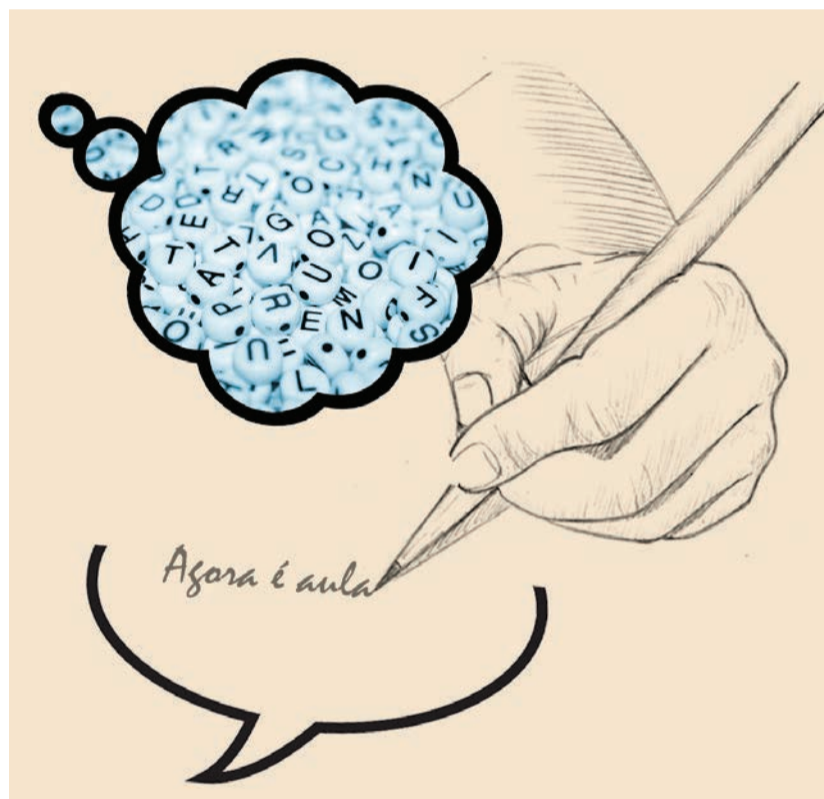
Nem “gramática”, nem “leitura e produção de texto”: a importância do ensino integrado do português na escola

O ensino de língua portuguesa na educação básica tem sofrido importantes e necessárias modificações nos últimos anos. É comum que gerações formadas nas décadas finais do século passado não consigam identificar nas apostilas e livros didáticos atuais muito do conteúdo e da estrutura pertencentes ao aprendizado de seu tempo. Português, enquanto disciplina, tinha como sinônimo a “temível” gramática, junto de suas “assustadoras” classificações morfológicas e sintáticas.

É fato que o ensino de língua portuguesa já foi baseado na fixação extenuante de regras da gramática normativa tradicional, desprovida de qualquer interseção com os diferentes usos da língua e sem proporcionar o desenvolvimento de competências adequadas para a leitura e a produção de textos de diferentes gêneros. Felizmente, houve uma mudança significativa na configuração do ensino da língua materna no Brasil, em especial com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na década de 90. Desde então, as aulas de língua portuguesa têm como foco o trabalho com os variados aspectos da língua em uso, cujo intuito é a formação de eficazes leitores e produtores de texto.

Isto não significa que a gramática esteja abolida da vida escolar. Ela permanece nas salas de aula e sua fama continua, injustamente, não sendo das melhores. A conotação negativa que o termo “gramática” ganhou nos últimos anos, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum, contribui para que, em boa parte das escolas brasileiras, haja uma segmentação

do ensino de língua portuguesa nas frentes “leitura e produção de textos” e “gramática”. Fica o pressuposto de que a gramática apenas ensina a utilizar corretamente a norma culta do português, sem relação com a compreensão das regras que regulam o funcionamento da língua como um todo e que, por tabela, são imprescindíveis para o ler e escrever bem. Eis aqui um equívoco que justifica o uso que esta autora fez do advérbio “injustamente” no início deste parágrafo.



“as aulas de língua portuguesa têm como foco o trabalho com os variados aspectos da língua em uso”



artigo

A reflexão sobre os fenômenos gramaticais da língua materna - grosso modo, sobre a maneira como se estrutura e se organiza a língua portuguesa - só faz sentido quando se olha para os fenômenos em uso, ou seja, no texto. A gramática estudada fora do texto falado ou escrito é artificial e sem razão de ser - vira "decoreba", memorização de regras com um fim em si mesmo. Uma longa lista de exercícios de classificação de orações coordenadas e subordinadas, por exemplo, não faz do aluno um bom leitor ou produtor de textos se não houver a compreensão de como o jogo de ideias entre as orações contribui para a clareza do que está sendo dito em determinado contexto de produção.

Assim, não é culpa da gramática que ela seja tão mal vista e segregada do ensino feito a partir de textos nas aulas. O que deve ser diferente é a perspectiva com que se trabalha a gramática, buscando nela não a mera memorização de regras e conceitos, mas sua contribuição para a formação de leitores e escritores proficientes. A boa notícia é que esta mudança de paradigma vem ocorrendo paulatinamente e tem norteador, inclusive, a avaliação do domínio da língua portuguesa de grandes processos seletivos como o ENEM e os vestibulares da Fuvest, da Unicamp, da Unesp, entre outros.

O que deve ser abolida das escolas, portanto, não é a gramática, mas sim a divisão da disciplina Língua Portuguesa nos currículos, permitindo que os fenômenos gramaticais possam ser pensados e compreendidos como pertencendo a contextos efetivos de uso da língua.

Foi pensando nisso que a coordenação pedagógica do Ensino Fundamental II do Colégio Cristo Rei realizou uma importante mudança na estruturação do currículo dos 6º e 7º anos. A partir de 2013, não há mais a segmentação da disciplina Língua Portuguesa nas frentes "Português" e "Redação" (esta última compreendia leitura e produção de texto). Vale ressaltar que o material Anglo já está estruturado de maneira que seja realizado um trabalho integrando a gramática (ou "estudo da língua", nomenclatura utilizada pelo sistema de ensino) e a abordagem de textos. Diante do que tem sido apontado nos últimos anos por estudiosos de referência no ensino de língua materna, não há dúvidas de que foi uma decisão acertada.

LARISSA MARIA FELIPE SOBRINHO
Formada em Letras (Unesp/Assis),
mestranda em Educação (Unesp/Marília)
e professora de Língua Portuguesa do 6º
ano do Ensino Fundamental II.



artigo



Vamos falar sobre Arte e Educação?

O Auto-Retrato

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco!

Mário Quintana - Apointamentos de
História Sobrenatural



Romero Britto



Ah, os poetas! Com sua sensibilidade e sabedoria nos fazem pensar em coisas a que não damos atenção. Pensar num desenho numa folha de papel, por exemplo! E nessa louca e maravilhosa capacidade de imaginar, de criar, de permitir-se, de buscar, de atuar, de ser outros, vários, de pintar e pintar-se! A criança, ao contrário, com "olhos mágicos" faz isso. Em seus desenhos, um traço pode ser muito mais que um traço. O gato pode ser vermelho. A árvore pode ser toda colorida e com frutos diferentes. O menino tem asas e pode voar. O céu é cor de rosa. Mas então um adulto a corrige: _Não é assim que se faz! Você já viu gato vermelho? Não pode! E a criança, sem entender, se pergunta: _mas por que não pode? E depois de muitos "não pode" ela acaba se convencendo de que não. Adeus, gato vermelho! Adeus, céu cor de rosa! Adeus menino voador!

Mas aqui nos propusemos a falar sobre arte. E sobre seu papel no processo educacional da criança. Começamos com um poema. E falamos sobre o desenho. O poeta entendeu. Ele está pertinho da criança. E nos mostra a importância do ato de criação no trabalho com a arte. Arte: palavra dita, escrita, cantada em verso e prosa. No meio educacional, todos (ou quase todos), se perguntados se a arte é importante, dirão que sim. O historiador Ernst Fischer afirmou que a arte é, foi e sempre será necessária. Mas, por quê? Segundo ele, como seres em busca de completude e de entendimento de um mundo opaco e complexo, temos a necessidade de criar e



artigo

de apreciar obras de arte: de ler um livro, de observar um quadro, de assistir a um filme ou a uma peça de teatro, de ouvir uma música, de dançar, etc. Queremos nos conhecer e compreender melhor o mundo que nos cerca. E a arte nos permite isso, por meio da união entre razão e emoção, do velho e do novo, da identificação e da não identificação com o que vemos.

Mas essa palavrinha é danada. Se nos pedirem uma definição do que vem a ser arte, como a definiremos? Em primeiro lugar, não há uma única definição, mas inúmeras. Para Canclini (1984) são atividades da cultura em que se trabalha com o sensível e o imaginário. Jorge Coli (1981) dirá que a arte desperta nosso sentimento de admiração. Não passamos indiferentes diante de uma obra de arte que nos chama a atenção. No dicionário Ferrater Mora (1998) encontramos que arte é a habilidade para fazer ou produzir algo, de acordo com certos métodos e modelos. Nesse sentido, falamos sobre a arte de escrever, a arte de navegar, a arte de cozinhar. Mas aqui tratamos das chamadas belas artes, em seu sentido estético: artes visuais, música, teatro, dança... Arte também pode ser definida como linguagem. Comunicamo-nos por meio dela. Assim, é imprescindível que essa forma de linguagem esteja presente no processo de educação formal.

E se pensarmos na educação formal desde seu início, nos voltamos novamente à criança. Como a vemos? O que esperamos dela? Concepções contemporâneas relacionadas à infância a veem como um ser ativo e criativo, produtor pessoal de cultura. Willian Corsaro, um dos preconizadores da Sociologia da Infância nos fala da criança não como alguém que apenas reproduz o que o adulto lhe apresenta ou lhe impõe, mas como um ser que cria, que reelabora, que resiste, que seleciona os elementos da cultura em suas relações com adultos e com outras crianças. E que possui voz, ideias, querereres e formas de ver o mundo.

Ao estimularmos os processos de criação da criança por meio da arte, muita coisa boa pode surgir. Confiar na capacidade criativa da criança é fundamental. E oferecer atividades e propostas que as levem a criar e não apenas a copiar ou reproduzir faz parte de um processo educacional que valoriza a criança em sua inteireza. Essa não é tarefa fácil, mas possível.

Precisamos nos despir de ideias pré-concebidas, oferecer propostas que instiguem a imaginação infantil, pensar nas diversas manifestações artísticas ligadas à cultura local, regional e global, enfim, perceber que quando falamos em arte, o que buscamos é um trabalho que está para muito além do desenho. As artes visuais atravessaram há tempos a barreira dos quadros e molduras, adquiriram aspectos tridimensionais, ganharam força com o vídeo, com as instalações, com a interatividade do apreciador. Já a música pode estar aliada à dança e ao teatro. Mas ainda fica no ar a questão: como desenvolver um trabalho dentro do campo das artes capaz de levar a criança a criar, apreciar e refletir sobre seu fazer e sua fruição? Não há caminho mais seguro do que por meio do lúdico, do jogo, da brincadeira e da experimentação.

Nesse sentido, cremos que cabe apresentar o trabalho de um Projeto da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista- Unesp que alia en-

**“Ao
estimularmos
os processos
de criação da
criança por
meio da arte,
muita coisa boa
pode surgir”**

sino, pesquisa e extensão universitária. É o Projeto Ludibus - O ônibus da alegria. Ele tem como característica a presença de um ônibus equipado e adaptado para o trabalho com artes e jogos nas escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental da cidade de Marília. Além da coordenadora, conta com o auxílio de bolsistas dos cursos de Pedagogia e Filosofia da Unesp.

Partindo da ideia de que a criança produz cultura, o objetivo do trabalho é de estimular os processos de criação infantil, bem como levar a criança a apreciar obras de arte e refletir sobre seu fazer artístico. Os professores e professoras das escolas parceiras participam das ações, num fazer conjunto. As propostas visam a instigar, por meio da experimentação, do jogo e do lúdico o desenvolvimento das crianças dentro das diversas formas de arte. Em relação às artes visuais, são oferecidos suportes e materiais variados, bem como propostas cujas temáticas pro-



artigo

piciam o trabalho coletivo e o falar sobre o entorno.

Desenho, pintura, colagem, releituras de obras de arte, discussões e interação fazem parte da rotina semanal do Projeto. Nos campos do movimento, da música e do teatro são propostos jogos teatrais e exercícios que levam ao conhecimento do próprio corpo, à percepção de formas de movimentação, de atuação e "situações problema" são resolvidas por meio do trabalho em grupo e da improvisação. O ônibus possui também um acervo de livros de arte e de literatura infantil. Assim, histórias são contadas, reinventadas, dramatizadas.

O projeto atende prioritariamente as escolas públicas do município e possui parceria com o SEAMA- Serviço de Atendimento à Criança e ao Adolescente, entidade mantida pelos Irmãos do Sagrado Coração e já desenvolveu parcerias com o Colégio Cristo Rei em eventos culturais, como a Feira do Livro. Visamos com este trabalho contribuir para que os fazeres no campo da arte sejam profundamente significativos e capazes de estimular a criança a ser criadora pessoal de cultura.

Que ela possa sonhar, inventar paisagens, atuar, dançar, musicar, falar e viver a infância. Tecer seu autorretrato com as cores que quiser. E ao final dessa jornada, que não sobre um desenho de criança "corrigido por um louco", como bem denuncia Quintana. Cabe a nós, pais e professores, oferecermos uma educação voltada para a arte que conclame a alegria, as cores, a imaginação e a ousadia!



Referências bibliográficas

- CANCLINI, Nestor García. *A socialização da arte: teoria e prática na América Latina*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- COLI, Jorge. *O que é arte*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. São Paulo: Artmed, 2011.
- FISCHER, E. *A necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- MARTINS, M. C., PICOSQUE, G., GUERRA, M. T. T. *Didática do Ensino da Arte: A Língua do Mundo- poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SLADE, Peter. *O Jogo Dramático Infantil*. (Tradução de Tatiana Belinky). São Paulo: Summus, 1978.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. São Paulo : Perspectiva, 1992.

ANA PAULA CORDEIRO

Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista-UNESP. Docente do Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências-UNESP- Marília. Ministra as disciplinas de Fundamentos da Educação Infantil e Jogos e atividades lúdicas. É líder do Grupo de Pesquisa Educação, comunicação e sociedade, atuando na linha de pesquisa "Sociologia da Infância: o lúdico e a educação". Coordena há oito anos o "Projeto Ludibus- o ônibus da alegria".



FRANCISANE MAIA

Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista-UNESP - Marília. Estágio extracurricular no Colégio Cristo Rei. Bolsista no "Projeto Ludibus - o ônibus da alegria" nos anos de 2011 e 2012. Participa do "Projeto Oficinas de Teatro da Unati". Iniciação Científica na linha "Sociologia da Infância: o lúdico e a educação". Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação, comunicação e sociedade e GP Forme - Formação do Educador.



coluna



Ser ou não ser... Uma questão de eleição?

A arte no contexto da escola

Quando falamos de arte na escola, devemos referir a um aspecto muito diferente do que ocasionalmente associamos ao desenho e pintura. A arte é primeiramente um meio de comunicação ativa, que nos atinge através de nossas emoções e sensações, procura estabelecer uma relação entre o artista e público através da sua obra de arte, para assim, afetar nossa impressão da realidade, nos leva a fazer outras reflexões e leituras do mundo em que vivemos. Não é por menos que as primeiras manifestações de desenhos feitos nas cavernas têm um valor primordial, pois foi através destes registros, que hoje sabemos como era a vida das primeiras civilizações na terra. Mas, para fazer esta reflexão é oportuno colocar-se no olho sensível feito pelo "artista", para entender a sua vontade e traduzir o sentido que fez deixar seu registro à humanidade.

A arte é principalmente uma necessidade humana de expressar-se através de suas diversas linguagens, seja o teatro, a dança, a música, a escultura, a pintura, a ópera e o cinema, as suas formas de materializar os desejos, vontades e impressões do artista e sua relação com o objeto de interesse. Mas, para materializar a sua obra, precisa-se de uma técnica que permita desenvolver de forma magistral o processo criativo. É neste estágio que nasce a academia, como uma forma concreta de ensino e aprendizado do aluno, para formar através de diversos estudos, o seu estado maior de plenitude artística.

No contexto da escola é fundamental desenvolver as artes a partir do primeiro estágio de aprendizagem do indivíduo. Criança que tem contato com as artes no começo de sua vida escolar será no futuro uma pessoa íntegra e criativa em relação aos planos motores, psicológicos e, principalmente, sociais. Será uma pessoa mais reflexiva, sensível e com um agudo sentido estético da vida.

Atividades artísticas orientadas a desenvolver aptidões e dons de alunos com potenciais em diversas linguagens da arte possibilitam uma melhor escolha sobre seu futuro profissional.



Porém, é importante a participação e apoio dos pais em aceitar as eleições e opções de seus filhos e entender que não existe artista sem técnica, em outras palavras, para ser artista é prioritário estudar e aprofundar sobre diversos conteúdos e disciplinas, que só uma universidade ou academia pode ministrar.

"Ser ou não... É a questão...", frase celebre do dramaturgo inglês William Shakespeare, nos leva a uma reflexão sobre nossa vida e nossas eleições. O que fazer quando o talento e a virtude da arte nós leva pelo caminho do aprendizado, da eterna procura da perfeição? Ser artista ou ser o que meus pais querem que eu seja? O fracasso de uma pessoa radica principalmente na infelicidade de eleições. E em tempos difíceis a opção é uma: "Ser o que EU quero ser para minha vida".

Se a escola oferece os recursos necessários para aprimorar o talento e dons de um artista em potencial, o aluno terá certeza que poderá obter um bom futuro em sua vida profissional, seja como ator, bailarino, pintor, escultor, escritor, músico, cantor ou cineasta. O importante é aceitar que a arte é uma



coluna

prioridade em um mundo cada vez mais técnico, pois é através da arte que as pessoas podem acreditar e sentir as sutilezas da vida, o canto e o gesto do corpo em movimento, o desenho ou figura plasmado em uma pedra, ou o choro de uma criança em um filme de ação. Como na Grécia antiga, a arte era o direito do cidadão para o conhecimento e a sociabilidade. A arte é eterna, pois a sua obra fica para nós, como testemunho de nossa cultura e é testemunha fiel de toda nossa história.

Sugestão para assistir em DVD **Shakespeare Apaixonado**



“O importante é aceitar que a arte é uma prioridade em um mundo cada vez mais técnico, pois é através da arte que as pessoas podem acreditar e sentir as sutilezas da vida”

Sinopse

O jovem astro do teatro londrino William Shakespeare (Joseph Fiennes) sofre de bloqueio criativo e não consegue escrever sua peça. Um dia, ele conhece Viola De Lesseps (Gwyneth Paltrow), uma jovem que sonha em atuar, algo proibitivo no final do século XVI. Para burlar o preconceito e ter sua chance, Viola se disfarça de homem e começa a ensaiar o texto de Will, que começou a fluir e passou a dar vazão ao amor entre os dois. O que eles não contavam era com o casamento arranjado pela família entre Viola e Lorde Wessex (Colin Firth).

Ficha Técnica

Lançamento: 1999
Duração: 1h 23min
Dirigido por: John Madden
Com: Joseph Fiennes, Gwyneth Paltrow, Simon Callow.
Gênero: Comédia dramática
Nacionalidade: EUA, Reino Unido.



GONZALO PÉREZ
Ator profissional, mestre em direção cênica e professor de artes.

resenhas

e sugestões



Ficha Técnica

Título: O Santo e a Porca
Autor: Ariano Suassuna
Editora: José Olympio Editora
Edição: 1
Ano: 2007
Idioma: Português
Especificações: Brochura | 154 páginas

O Santo e a Porca

Para aquele jovem que está em busca de uma leitura descontraída e engraçada, uma boa sugestão é o livro *O Santo e a Porca* de nosso consagrado autor brasileiro Ariano Suassuna, mesmo autor do *Auto da Compadecida*.

A obra se trata de uma peça teatral que traz como tema principal a avareza, abordado-a de forma cômica e descontraída. Seu personagem principal é o velho Eurico árabe. Ele possui uma porca cheia de dinheiro, um enorme medo de perdê-la e uma grande devoção a Santo Antonio, santo ao qual confia a segurança da porquinha.

O plano de fundo para essa comédia é o nordeste brasileiro, cenário ao qual, Suassuna descreve com grande riqueza de detalhes e sem faltar os personagens-tipo daquela região.

Apesar de engraçada, a peça traz um fundo filosófico, que não pode passar despercebido. Na obra podemos evidenciar a visão crítica do autor ao se utilizar de uma trama simples para tratar de algo mais complexo, como a relação do mundo material com o espiritual. O leitor deve perceber que o comportamento de Euricão lembra muito os conflitos barrocos de ordem religiosa.



resenhas e sugestões

Sobrevivi para contar

Já para o público mais velho, uma boa sugestão de leitura é *Immaculee Ilibagiza – Sobrevivi para contar, o poder da fé me salvou de um massacre*. A obra trata-se de um livro autobiográfico de Immaculee Ilibagiza, uma sobrevivente do genocídio ocorrido em 1994 em Ruanda. Estima-se que nesse genocídio cerca de 800 mil ruandeses pertencentes à tribo tutsi foram exterminados.

A obra conta a história de uma mulher extraordinária que perdeu toda sua família nesse terrível massacre e se viu rodeada pela morte tendo como único apoio sua fé.

Com apenas 22 anos de idade na época, Immaculée se vê diante da discriminação e extermínio em massa de seu povo. Confinada durante três meses em um banheiro minúsculo, com mais sete mulheres famintas e aterrorizadas, sem nenhuma condição de higiene, saúde e alimentação e ouvindo as vozes dos assassinos que mataram cruelmente os membros de sua família e que queriam fazer o mesmo a ela. A jovem se viu obrigada a assistir a um holocausto que, em apenas cem dias, barbaramente assassinou mais de um milhão de ruandeses devido a conflitos étnicos ancestrais entre tutsis e hutus, principais etnias do país africano, ao qual, os órgãos do governo e a própria ONU fechava os olhos. Seu único apoio diante de tamanho horror foi sua fé.

Da noite para o dia, a jovem viu sua vida totalmente modificada, tendo que deixar de lado seus sonhos de terminar a faculdade de engenharia mecânica, de passar momentos com sua família em sua cidade ao qual, julgava ser um paraíso na terra e de construir sua própria família para iniciar uma luta desesperada por se manter viva.

O leitor deste livro pode esperar encontrar uma história vibrante, envolvente e emocionante, além de um relato histórico desse momento tão triste de Ruanda como nunca antes visto e uma lição de vida, fé e perdão sem igual.



Ficha Técnica

Título: Sobrevivi Para Contar
Subtítulo: O Poder da Fé me Salvou de um Massacre
Autor: Immaculeé Ilibagiza, Steve Erwin
Tradução: Sonia Sant'Anna
Editora: Fontanar
Edição: 1
Ano: 2008
Idioma: Português
Especificações: Brochura | 224 páginas

Formada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista, campus de Marília. Professora de Filosofia, História e Sociologia. Atua na área de pesquisa desenvolvendo estudos no processo de filosofar por uma abordagem de psicologia topológica e vetorial (epistemologia genética). Participou do projeto PIBID (Programa de incentivo e iniciação a docência), trabalhando com pesquisas relacionadas ao ensino de filosofia e suas possibilidades. Possui trabalhos na área de educação, psicologia e epistemologia.



ROSA LOPES PONTES



resenhas e sugestões

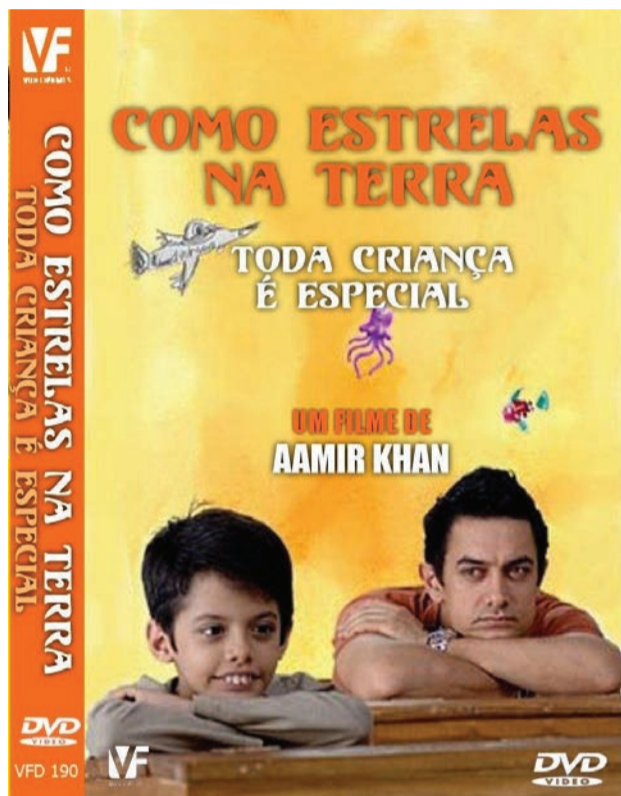
Como estrelas na Terra

O filme "Como estrelas na Terra" conta a história de um menino de nove anos chamado Ishaan Awasthi que sofre de dislexia. Ele estuda em uma escola normal, repetiu uma vez o terceiro período e está correndo o risco de isso acontecer de novo. O menino diz que as letras dançam em sua frente e não consegue acompanhar as aulas e nem prestar atenção. O pai acha que o filho é indisciplinado e o trata com rudeza e falta de sensibilidade. Depois de muitas vezes ser chamado na escola para ouvir sobre o filho, decide levá-lo a um internato. Ishaan perde a vontade de viver, fica deprimido, pois não entende o porquê está longe da família, principalmente da mãe. No internato, a filosofia é "Disciplinar Cavalos Selvagens".

De repente, no internato, aparece um professor substituto de artes nada tradicional, que não segue rigorosamente as normas da escola e quando fica conhecendo Ishaan, percebe que o menino sofre de dislexia, que é uma criança especial e resolve ajudá-lo.

O filme é emocionante, sensível e mostra a importância do professor e seu poder de transformação nos alunos, é uma lição de vida. Mostra como o professor pode voltar os seus olhos e mudar a metodologia para esses alunos especiais. A dislexia está longe de ser solucionada, mas com uma metodologia inovadora, o educador pode buscar e aprofundar-se na maneira de ensinar e desenvolver a capacidade do aluno, proporcionando uma aprendizagem motivadora.

"Como estrelas na Terra" é um filme que vale a pena assistir, porque nos leva a uma reflexão sobre uma educação motivadora na vida dos alunos, dando-lhes os recursos necessários para um desenvolvimento pleno de vida. Trata-se principalmente das diferenças e da exclusão que elas podem causar, mas que com a sensibilidade de educador, podem ser superadas.



Ficha Técnica

Titulo Traduzido: Como Estrelas na Terra
 Titulo Alternativo: Somos Todos Diferentes
 Titulo Original: Taare Zameen Par
 Gênero: Drama
 Ano de Lançamento: 2007
 Tempo de Duração: 165 Min
 País de Origem: Índia
 Director: Aamir Khan



ROSANA MATTIAZZO CASELLA
 Professora do 5º ano do Colégio Cristo Rei

redações

de alunos



28 POEMA - Nostalgia

Maria Clara Pardo Lopes - Aluna do 9º ano do Ensino Fundamental II

29 Exigências da FIFA

Amanda Boutrik - Aluna da 2ª série do Ensino Médio

30 Carta a uma autoridade

João Vitor de Lima Bertoncini - Aluno da 3ª série do Ensino Médio

31 POESIAS

O amor e a esperança

Igor Francisco Félix da Silva - Aluno do 9º ano B do Ensino Fundamental II

Os desejos do amor

Fábio Henrique das Mercês Munhoz - Aluno do 9º ano C do Ensino Fundamental II

Soneto claro

Clara Garcia - Aluna do 9º ano A do Ensino Fundamental II



redações de alunos

POEMA

PROPOSTA DE TEXTO

Poema é uma obra literária que pertence ao âmbito da poesia. O texto pode ser apresentado ou redigido sob a forma de verso e estrofes.

Nostalgia

Hoje, depois de muitos anos, eu a vejo
Sentada no fundo do armário da despensa
Assustada e surpresa olhei para ela
E ela sorriu para mim

Olhos e nariz de botão
Cabelos de lã macarrão
E o passa-passa da agulha
Realçam seu sorriso travesso

Olhando para ela
Lembrei-me de como era ser criança
Olhar firme cheio de esperança
Cabeça cheia de soluções
E coração vazio de problemas

O dia e a noite
O Sol e as estrelas
Tudo era bom
Tudo era comum
Sem perigo nenhum

Pular corda, contar Marias
Hoje, parecem coisas tão vazias
Ontem, parte dos meus dias de criança
Passado e presente se misturando

Aquela boneca de pano
Passei tantos momentos com ela
Brigas por lápis de cor
Perda dos dentes de leite

O tempo se foi e deixou a nostalgia
As responsabilidades me chamam
E é necessário seguir em frente
Fecho o armário e prossigo meu dia

Maria Clara Pardo Lopes
Aluna do 9º ano do Ensino Fundamental II
(Texto produzido em 2012, quando a aluna cursava o 8º ano)



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque deste poema é a utilização adequada dos componentes estruturais da linguagem poética (verso, estrofe e rima), que dá ao texto grande efeito expressivo e articula os fatos numa sequência lógica e coerente. Com este recurso, observamos que a autora traduziu, de modo eficiente e bastante expressivo, suas emoções e possíveis "conflitos" a partir deste ponto limiar que é a entrada para a adolescência. É interessante considerar, também, a maturidade desta aluna ao abordar este tema de forma tão sensível e poética.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

REDAÇÃO DE VESTIBULAR: UEL - 2012

A Prova de redação da UEL (Universidade Estadual de Londrina) é composta de 2 a 4 gêneros textuais. Com o objetivo de treinar nossos alunos para este Exame de Vestibular em nossa Oficina de Redação, realizamos uma Proposta de texto desta prova.

PROPOSTA DE TEXTO

O jogo é duríssimo. Embalado por uma série de conquistas nos últimos anos, o time da casa quer mostrar aos torcedores sua força emergente. O adversário é um gigante acostumado a vencer embates por goleada e que não reluta em usar artifícios – mesmo se forem polêmicos – para alcançar seus objetivos. Mais do que apenas uma competição esportiva, a Copa do Mundo pode se transformar em um confronto encarniçado entre o país--sede, como o Brasil em 2014, e a FIFA, organizadora do evento.

A FIFA fez ao governo brasileiro uma série de exigências que, se forem rigorosamente cumpridas, criam uma espécie de Estado paralelo: mudanças em leis federais, estaduais e municipais, imposição quanto à contratação de fornecedores, exigências de produtos específicos, controle de toda publicidade relacionada ao evento, cancelamento das regras de concessão de meia-entrada para estudantes, liberação da venda de bebida alcoólica nos estádios, entre outras.

Para os defensores da FIFA, nada mais justo do que ceder aos apelos de quem trouxe o maior evento esportivo do planeta para o território brasileiro. Para os críticos, as imposições colocam em risco a soberania nacional.

Quem vai vencer essa guerra?

(Adaptado de: SEGALLA, Amauri; RODRIGUES, Alan; MOURA, Pedro Marcondes de. O Brasil encara a FIFA. Istoé, n.2187, ano 35, p.38-39, 12 out. 2011.)

Redija um texto de, no mínimo, 10 linhas e, no máximo, 16 linhas, no qual você se posicione favoravelmente a um dos lados do confronto citado na reportagem.

Exigências da FIFA

A Copa do Mundo de 2014 está na “agenda cultural do Brasil” como um evento grandioso e bastante esperado pelos brasileiros. Se o país se propôs para tal, ele deve cumprir com suas responsabilidades e se adequar para a realização deste. Se isso não ocorrer a contento, o país será, não só injusto com seu povo que espera ansiosamente pela Copa, como também com a FIFA e o resto do mundo. E por falar nela, muitos afirmam que as exigências dela colocam em risco nossa soberania nacional. Será? Que seja. Acredito que não é hora de pensar nisso agora, uma vez que o Brasil já aceitou os termos impostos para a realização do evento e não há mais tempo de voltar atrás. O jeito é acatar as regras, “arregaçar as mangas” e correr contra o tempo com as reformas de estádios, alojamentos e aeroportos. Quanto às exigências, suponhamos que o governo se mantenha firme e forte e decida “banciar” a meia-entrada. Mudará alguma coisa para seu povo? Creio que não. De onde vem o dinheiro que abastece os cofres públicos? Isso mesmo, o dinheiro vem de uma parte da nossa renda. Portanto, quem vai pagar a conta somos nós: eu, você e todos os brasileiros. Enfim, não é hora de “fazer cena”, o momento agora é de trabalho porque, até agora, nenhum estádio tem condições de abrigar um jogo de Copa. Muito pelo contrário, todos os postulantes estão bem longe do padrão exigido pela FIFA.

Amanda Boutrik

Aluna da 2ª série do Ensino Médio
(Texto produzido em 2012, quando a aluna cursava a 1ª série E.M.)



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O tema proposto pela UEL pode ser considerado polêmico e atual. Para ajudar na elaboração, um texto de apoio relacionado ao assunto foi fornecido. Tomando por base essa proposta, observa-se que esta aluna construiu adequadamente uma redação no gênero dissertativo dentro do tema proposto e apresentou argumentos interessantes e bem encadeados, além de demonstrar bastante conhecimento e se mostrar segura e convicta em sua defesa. Dentro deste requisito, podemos dizer que essa redação atende perfeitamente ao que foi proposto pela instituição.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

REDAÇÃO DE VESTIBULAR: UFPR - 2011

A prova de Compreensão e Produção de Textos da UFPR é, na verdade, uma prova de redações. O candidato precisa elaborar diferentes gêneros textuais, como carta, texto opinativo, resumo e texto narrativo. Nessa prova, geralmente há surpresa, como cobrar uma tipologia curiosa que ainda não havia aparecido nos anos anteriores. No último vestibular, por exemplo, a universidade pediu que o candidato redigisse uma fábula. "A UFPR publicou mais de 17 tipologias diferentes até hoje. E sempre tem um segredo. Por outro lado, há gêneros que sempre aparecem, como resumo e texto opinativo", alerta a professora Iara Bemquerer Costa, coordenadora de área do Núcleo de Concursos da UFPR.

PROPOSTA DE TEXTO

Em 3 de setembro de 2010, a revista ISTO É publicou uma síntese, assinada por Paulo Lima, do livro ainda inédito Fé em Deus e pé na tábua – Como e por que você enlouquece dirigindo no Brasil, do antropólogo Roberto DaMatta. Tomando como ponto de partida as opiniões deste autor, escreva uma carta dirigida ao Secretário de Educação do Estado do Paraná, solicitando a inclusão, no currículo do Ensino Médio, de conteúdos voltados à educação para o trânsito. Use as afirmações de DaMatta como argumentos para fundamentar sua solicitação.

Carta a uma autoridade

Curitiba, 31 de maio de 2012

Ilustríssimo Senhor Secretário da Educação do Estado do Paraná

Após ler o livro "Fé em Deus e pé na tábua – Como e por que você enlouquece dirigindo no Brasil", de Roberto DaMatta e assistir a algumas entrevistas deste mesmo autor, comecei a observar que vários motoristas desrespeitam as leis de trânsito quando circulam por nossas cidades. E isso, geralmente, vem ocorrendo por motivos fúteis, como classe social do indivíduo ou valor do veículo.

Inconformado com esta situação, por meio desta, solicito a inclusão de conteúdos concernentes à Educação para o Trânsito para as turmas do Ensino Médio. Acredito que, com o desenvolvimento dos temas Ética, Cidadania e Legislação no Trânsito, nos três anos desta etapa escolar, poderemos diminuir parte da violência urbana que ocorre em nosso país.

Atenciosamente.
Um aluno

João Vitor de Lima Bertoncini
Aluno da 3ª série do Ensino Médio
(Texto produzido em 2012, quando o aluno cursava a 2ª Série E.M.)



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O autor construiu adequadamente um texto no gênero carta, pois esse texto apresenta, em sua dimensão estrutural: local, data, vocativo, despedida, assinatura sem identificação e o propósito comunicativo (solicitar a inclusão de conteúdos no currículo do Ensino Médio). Em relação à linguagem, este aluno optou por utilizar a modalidade oral formal, o que demonstra uma escolha bastante favorável ao gênero solicitado. Essa carta apresenta uma relação bem dosada de informações, o que torna o texto equilibrado e bem encadeado, aspectos que fazem com que esta redação seja classificada como dentro da média.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA



redações de alunos

INTRODUÇÃO

“Poesia é brincar com as palavras” dizia o poeta José Paulo Paes. Muitos acham que as crianças e adolescentes de hoje não gostam de poesia. No entanto, basta oferecer oportunidades de leitura e fruição de textos poéticos para que se empolguem e até mesmo escrevam seus poemas. Assim, os alunos do 9º ano leram e analisaram poemas dos mais diversos estilos e formas: sonetos de amor, cantigas medievais, canções de Renato Russo e poesia moderna. Como proposta de redação, foram desafiados a criar seus próprios poemas sobre o amor e sonetos de auto-retrato. O resultado foi excelente, com textos líricos, criativos e, às vezes, bem-humorados. Escolher, entre tantos textos interessantes, apenas alguns, foi difícil. Aqui temos, infelizmente, somente três, uma pequena amostra da capacidade criativa e da sensibilidade dos nossos alunos. Boa leitura!

O amor e a esperança

*Há quem diga que amar
É perda de tempo,
Que ele é passageiro
E causará dor e sofrimento.*

*É ele que pulsa na veia
É ele que faz pensar
É ele que intimida
Os homens que sabem amar!*

*É ele que acenderá a chama
Que espantará a escuridão
Ele desenrolará minha trama
E, se preciso, amparará meu coração!*

*Por hora o tempo passa
Sem respostas, sem graça
Pois só o amor as trará
E minha condição mudará!*

*Aguardarei, por enquanto,
A boa vontade do amor
E espero que ele não demore
Pois estarei sempre ao seu dispor!*

Igor Francisco Félix da Silva
Aluno do 9º ano B

Os desejos do amor

*Eu queria ser um rapper
Mas um rapper eu não posso ser
Rappers só pensam em rimas
E eu só penso em você!*

*Eu queria ser uma onda
Mas uma onda eu não posso ser
Ondas te levam pra longe
E o que eu quero é ter você!*

*Eu queria ser uma música
Para chegar aos seus ouvidos
E te deixar maluca*

*Eu queria ser o céu
Para poder te contemplar
Onde você estiver!*

Fábio Henrique das Mercês Munhoz
Aluno do 9º ano C

Soneto claro

*Clara Garcia eu me chamo
Sempre guardo os que eu amo
Quase nunca tímida e sempre a falar
Gosto muito de dançar*

*Curto viajar mas sou pé no chão
Pra mim tudo é competição
Educada sempre que possível
Às vezes falo palavrão*

*Gosto de ser diferente
Mas como todo adolescente
Não largo o meu celular*

*Aprendi a tocar violão
Meu pianista preferido é o Yiruma
E só escrevi essa linha porque faltava
uma!*

Clara Garcia
Aluna do 9º ano A



Revista inovar

